



PBPC
ISSN 2674-9432



Qualis A3
CAPES 2021-2024



DOI - Crossref

Latindex

Indexado no
Google Acadêmico

Configurações contemporâneas: a mulher nordestina na narrativa A guerra de Maria Raimunda, de autoria de Maria Valéria Rezende

José de Sousa Campos Júnior



<https://doi.org/10.36557/2674-9432.2026v5n1p3101-3117>

Artigo recebido em 23 de Janeiro e publicado em 23 de Março de 2026

ARTIGO ORIGINAL

RESUMO

A narrativa *A Guerra de Maria Raimunda*, de Maria Valéria Rezende e presente no livro *Vasto Mundo* (2015), destaca a importância da personagem Maria Raimunda como símbolo de força e resistência no sertão brasileiro. Dessa forma, este trabalho intenciona analisar os aspectos que fazem da protagonista uma liderança local e de que maneira seu comportamento reforça ou subverte o estereótipo da mulher sertaneja brava e decidida, refletindo acerca das dinâmicas de gênero dentro da narrativa em foco. A importância deste estudo reside no fato de destacar personagens femininas fortes no contexto sertanejo e como essas figuras desafiam ou reafirmam estereótipos tradicionais, contribuindo, assim, para o debate sobre gênero, poder e identidade no sertão nordestino. Partiremos da análise detalhada de *A Guerra de Maria Raimunda* a fim de discutir aspectos teóricos referentes às contribuições do regionalismo contemporâneo na literatura paraibana, especialmente na produção literária feminina.

Palavras-chave: Literatura paraibana. Tendência regionalista. Gênero. Representação.



ABSTRACT

The narrative *The War of Maria Raimunda*, by Maria Valéria Rezende and present in the book *Vasto Mundo* (2015), highlights the importance of the character Maria Raimunda as a symbol of strength and resistance in the Brazilian hinterland. In this way, this work intends to analyze the aspects that make the protagonist a local leader and how her behavior reinforces or subverts the stereotype of the brave and determined sertaneja woman, reflecting on the gender dynamics within the narrative in focus. The importance of this study lies in the fact that it highlights strong female characters in the sertanejo context and how these figures challenge or reaffirm traditional stereotypes, thus contributing to the debate on gender, power and identity in the northeastern sertão. We will start with a detailed analysis of *A Guerra de Maria Raimunda* in order to discuss theoretical aspects relating to the contributions of contemporary regionalism in Paraíba literature, especially in female literary production. Thus, regionalism, as an aesthetic expression, proves flexible, adapting to and mirroring the continuous transformations experienced by specific communities.

Keywords: Literature of Paraíba. Regionalist trend. Genre. Representation.

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Autor correspondente: José de Sousa Campos Júnior

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





1 INTRODUÇÃO

O regionalismo, compreendido como uma tendência estética da literatura brasileira, apresenta continuidades e descontinuidades na história da literatura brasileira, configurando como um “fôlego de gato”, que persiste e que pode ser localizado na produção literária contemporânea, pois configura-se como um “fenômeno universal, como tendência literária, ora mais ora menos atuante, tanto como movimento (...) quanto na forma de obras que concretizem, mais ou menos livremente, tal programa, mesmo que independentemente da adesão explícita de seus autores” (Chiappini, 1995, p. 153-154).

Desde o Romantismo e o Modernismo, em que autores como Franklin Távora, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz exploraram o regionalismo como meio de crítica social e análise dos dramas humanos, o tema continuou a ser abordado de diferentes maneiras por outros autores, o que aponta para um processo de continuidades e descontinuidades estéticas na literatura brasileira. Esse processo de continuidades é responsável, conforme Antonio Candido (2013), pelo estabelecimento de um sistema literário. Nesse sentido, o movimento de continuidades e descontinuidades regionalista evidencia as complexas interações entre o local e o universal, enquanto a literatura brasileira se apropria de traços regionais para investigar questões de identidade, exclusão e poder.

No entanto, a intenção aqui não é reforçar o binarismo entre local e universal, mas sim evidenciar a importância de textos regionalistas para a compreensão dos diversos brasis existentes, ancorando-se em um contexto de “desconstrução de parâmetros, estratégias e ideologias antigos, inclusive literários, para que se forme um novo sistema de relacionamento social, baseado em uma nova mentalidade, sem hierarquização, dominação e binarismo” (Bonnici, 2007, p. 231).

Assim, o regionalismo ressurgiu em meio a contextos contemporâneos, com a literatura questionando os estereótipos e, ao mesmo tempo, enfatizando a singularidade do Brasil em suas múltiplas vozes e territórios. Nesse contexto, o objetivo deste artigo é analisar como o poder econômico da personagem Maria Raimunda fortalece sua liderança na comunidade onde mora; examinar se seu comportamento reforça ou subverte o estereótipo da mulher sertaneja; e investigar a influência de sua



autonomia na dinâmica de gênero dentro da narrativa.

A escolha de analisar o conto *A Guerra de Maria Raimunda*, de Maria Valéria Rezende, justifica-se pela relevância da personagem Maria Raimunda como um ícone de força e resistência no contexto nordestino. Em um cenário em que as mulheres frequentemente enfrentam desafios significativos relacionados ao patriarcado e à desigualdade social, a figura desta personagem se destaca por sua autonomia e poder econômico. Assim, este estudo busca explorar como essas características influenciam não apenas a sua posição na comunidade, mas também a construção de sua identidade enquanto mulher sertaneja.

Além disso, a análise do comportamento de Maria Raimunda permite uma reflexão crítica sobre os estereótipos tradicionais da mulher sertaneja brava e decidida. Ao subverter ou reforçar esses estereótipos, a personagem contribui para a discussão sobre o papel da mulher na literatura brasileira contemporânea. Assim, esta pesquisa pretende evidenciar como o conto de Rezende não apenas retrata a força feminina, mas também oferece uma nova perspectiva sobre a identidade e as lutas das mulheres no sertão. A compreensão das relações de poder e gênero é essencial para uma análise mais profunda da literatura nordestina e suas representações.

2 REPRESENTAÇÃO DA MULHER SERTANEJA NA LITERATURA REGIONALISTA

A representação da mulher sertaneja na literatura regionalista brasileira evoluiu significativamente ao longo do tempo, refletindo as mudanças sociais, culturais e econômicas da sociedade nordestina. Até o início do século XX, as personagens femininas eram frequentemente idealizadas e apresentadas sob uma ótica ainda romântica, representando o papel tradicional da mulher como mãe e cuidadora. Essas figuras, embora muitas vezes respeitadas, eram limitadas em suas vozes e ações, refletindo um contexto patriarcal que restringia a autonomia feminina.

Com a chegada do Romance de 30, uma nova abordagem se desenhou nas páginas da literatura regionalista. Autores como Rachel de Queiroz, José Lins do Rego e Jorge Amado passaram a retratar mulheres mais complexas, inseridas em cenários de luta e resistência. Em *Fogo Morto* (1943), por exemplo, a personagem de Dona Sinhá e Dona Amélia apresentam comportamentos de força e resignação, que, embora inseridas



em casamentos opressores, ainda buscam uma forma de autonomia dentro de sua realidade. Essas personagens começam a romper com a idealização anterior, mostrando nuances de suas personalidades e suas realidades difíceis.

No romance citado, Dona Amélia, esposa do Coronel Lula de Holanda, passa a vender mercadorias do seu engenho, como ovos e galinhas, com o objetivo de sustentar financeiramente a propriedade, já que seu marido não estava conseguindo gerir a crise pela qual passavam. Esse aspecto remete ao fato de que “a obra de José Lins do Rego é um discurso sobre homens em crise, impossibilitados de continuarem reproduzindo determinados padrões de comportamento, determinados valores, hábitos, costumes, relações” (Albuquerque Júnior, 2005, p. 155). A crise de masculinidade de alguns patriarcas da obra implica também em consequências para suas esposas, as quais apresentam comportamentos questionadores, mesmo que ainda não tenham autonomia para fugir de casamentos opressores. A própria Dona Amélia pede para que a venda dos produtos permaneça em segredo, para que seu marido não se sinta humilhado, como podemos observar no trecho de *Fogo Morto*, transcrito a seguir:

o marido, se soubesse que ela vendia ovos para a Paraíba, a Neco Paca, daria o desespero. A sua criação lhe dava este auxílio. Sempre gostara de tomar conta de suas galinhas. E agora era delas que se servia. Às segundas-feiras chegava ali o comprador e as dúzias de ovos lhe pagavam os quilos de carne verde da feira do Pilar. (...) Todos achavam muito bonito o seu esforço, era muito louvada pela força de vontade. Mas se soubessem que a senhora de engenho do Santa Fé vendia ovos para sustentar a casa-grande, fariam mangação. (...) Deus a livrasse que Lula soubesse de uma coisa daquela. O orgulho de Lula era uma doença que nem a devoção curaria. Um senhor de engenho sustentado pelo trabalho de sua mulher! (Rego, 2012, p. 114).

Assim, há neste romance regionalista um discurso sobre a crise de uma forma hegemônica em relação ao modo de “ser pai, de ser marido, de ser filho, de ser homem, de ser macho que estava ficando impossibilitada pelo desenvolvimento e progressiva hegemonia de padrões urbanos de sociabilidade e pelas mutações nas relações de gênero trazidas pela sociedade moderna” (Albuquerque Júnior, 2005, p. 155-156).

Ainda no contexto do Romance de 30, Rachel de Queiroz, uma das principais vozes femininas do período, traz à tona novas dimensões da mulher nordestina em suas obras. Em *O Quinze* (1930), a autora retrata a seca e suas consequências devastadoras



sobre a vida da mulher sertaneja, explorando sua força em meio à adversidade. A figura feminina, a exemplo da professora Conceição, do romance citado, emerge como um símbolo de resistência e sobrevivência, lutando por dignidade em um mundo implacável e masculino, ou seja, ela é “um símbolo do feminismo subalterno por retratar a tentativa de emancipação de uma mulher do Nordeste brasileiro” (Sarmiento & Moura, 2023, p. 3).

Nessa perspectiva, à medida que se avança para a contemporaneidade, a literatura brasileira continua a refletir e desafiar as representações das mulheres no e do sertão nordestino. Escritoras contemporâneas, como Maria Valéria Rezende, em *A Guerra de Maria Raimunda* (2015), oferecem novas perspectivas sobre a mulher sertaneja, agora como proprietária de terras e líder comunitária. A personagem Maria Raimunda é um exemplo de como as mulheres estão reassumindo seu papel na sociedade, desafiando estereótipos e reivindicando sua autonomia. No primeiro parágrafo do conto a personagem é apresentada ao leitor da seguinte maneira:

Maria Raimunda nunca precisou ler as letras nos papéis. Desde que abriu os olhos pretos neste mundo de meu Deus, leu tudo o que há no livro das coisas e das gentes, por dentro e por fora, até onde a vista alcança. Aprendeu cedo que quem tem o coração brando leva mais pias da vida e por isso é brava que só! Sempre foi. Todo mundo tem um pouco de medo de Maria Raimunda e ela não tem medo de ninguém, só teme a Deus e o perigo de amolecer quando vê menino sem mãe, homem chorando, criança carregando enterro de anjinho, velho sem teto, mulher gestante com variz e fome, essas coisas. Prefere mesmo é ter raiva que dá coragem e força para resolver tudo o que aparece pela frente (Rezende, 2015, p. 37).

Essas representações contemporâneas contrastam com as anteriores, evidenciando a transformação do papel da mulher na sociedade nordestina. O regionalismo, enquanto tendência estética, revela-se dinâmico, adaptando-se e refletindo as realidades em constante mudança das comunidades. A crítica literária ressalta que, embora as vozes femininas tenham evoluído, o cerne da resistência e da luta pela autonomia permanece, formando uma continuidade essencial na narrativa da literatura brasileira.

A representação da mulher sertaneja, portanto, não é estática, mas um reflexo das tensões sociais e das lutas por direitos e reconhecimento ao longo do tempo. Muitas



vezes, a mulher sertaneja foi representada como “herdeira de uma cultura patriarcal, presa ao domínio do pai ou do marido, tendo como base princípios religiosos, seguindo o exemplo da sagrada família, com valores morais e de comportamento muito bem definidos” (Santos & Chalhub, 2012, p. 45). Isso nos remete a uma visão tradicional da mulher sertaneja, marcada por um contexto patriarcal que restringia sua autonomia e reforçava papéis sociais rigidamente definidos. Essa representação, enraizada em valores religiosos e morais, reproduz estereótipos que invisibilizam a força, a resistência e a agência dessas mulheres na construção da sociedade sertaneja. Contudo, a literatura contemporânea tem desafiado essa visão ao destacar figuras femininas que rompem com esses moldes, reivindicando protagonismo e reafirmando sua identidade cultural e social.

Em síntese, a representação da mulher sertaneja na literatura brasileira reflete a complexa e multifacetada realidade das mulheres do Nordeste. O regionalismo, ao explorar essa representação, revela não apenas as lutas e conquistas das personagens femininas, mas também oferece uma crítica ao contexto social que as molda. Ao longo do tempo, a literatura se tornou um espaço de resistência e reivindicação, onde as vozes femininas podem ser ouvidas e celebradas. Excluir ou negar espaço a esses sujeitos é reforçar a exclusão de sujeitos diversos provenientes de diferentes realidades nacionais, ou seja, “negar isso é insistir na perpetuação de uma forma de opressão, que elimina da literatura tudo o que traz as marcas da diferença social e expulsa para os guetos tantas vozes criadoras em potencial” (Dalcastagnè, 2012, p. 193).

Nessa perspectiva, é fundamental que a literatura seja também um espaço de resistência e representatividade, evidenciando o papel das vozes femininas na desconstrução de estruturas de exclusão. No contexto das escritoras nordestinas, frequentemente relegadas ao segundo plano na história literária, essa reflexão é especialmente significativa. Ao serem marginalizadas, essas autoras têm suas experiências e perspectivas silenciadas, perpetuando uma visão literária restrita e elitista. O que aponta para o fato de que

nosso campo literário é um espaço excludente, constatação que não deve causar espanto, já que ele se insere num universo social que é também extremamente excludente. (...) O resultado é que, como conjunto, nossa literatura apresente uma perspectiva social



enviesada, tanto mais grave pelo fato de que os grupos que estão excluídos da voz literária são os mesmos que são silenciados nos outros espaços de produção do discurso – a política, a mídia, em alguma medida, também o mundo acadêmico (Dalcastagnè, 2012, p. 193).

Negar espaço a essas vozes é insistir em uma lógica opressora que desvaloriza a diversidade cultural e social, elementos fundamentais para uma literatura rica e plural. Assim, valorizar as escritoras nordestinas é essencial para romper com a lógica centralizadora e para construir uma literatura que realmente dialogue com as múltiplas faces do Brasil.

Vale ressaltar que, embora a escritora Maria Valéria Rezende tenha nascido em Santos, São Paulo, porém atualmente mora em João Pessoa, Paraíba, vivendo neste estado desde 1976. Sendo assim, neste trabalho, sua obra é compreendida como integrante da literatura nordestina, uma vez que as temáticas e a linguagem utilizada apontam para um espaço de produção que pode ser identificado como nordestino. Assim, tomamos como principal critério o lugar de onde a escritora fala. Se uma escritora reside em outro estado, ela é considerada parte da literatura desse estado, pois entendemos que o contexto de produção exerce influência direta na criação e na configuração de sua obra literária. A identidade cultural é influenciada pelos agentes culturais e sociais presentes no meio geográfico em que vivemos, visto que, de acordo com Kathryn Woodward (2014, p. 10), “a construção da identidade é tanto simbólica quanto social”.

Assim, o local de residência se torna um fator essencial (ainda que não exclusivo) na formação da identidade de um indivíduo e em sua construção cultural. Consequentemente, essas influências também se manifestarão nas expressões artísticas produzidas por esses indivíduos, uma vez que “as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social” (Woodward, 2014, p. 40). No caso da escritora em questão, o sistema simbólico representado por suas obras possibilita a sua inserção no contexto da literatura nordestina e paraibana.

Essa análise evidencia a importância de se continuar a investigar e discutir a representação das mulheres na literatura, especialmente em um contexto onde suas

vozes ainda precisam ser amplificadas, ou seja, “se há escritos de autoras contemporâneas que ainda não estão recebendo a devida atenção por parte das investigações acadêmicas, há a necessidade de colocá-las na pauta de discussão” (Santos, 2014, p. 112). Ao evidenciar obras de grupos populacionais alocados à margem da História da Literatura, o(a) pesquisador(a) está contribuindo para que a reflexão e ampliação dos pilares teóricos que sustentam esta área dos estudos literários.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conto *A Guerra de Maria Raimunda*, de Maria Valéria Rezende, é uma poderosa narrativa que explora as complexidades do gênero e do papel da mulher no sertão nordestino, revelando a força e a resistência da protagonista em um contexto de opressão. Como exposto em trecho citado anteriormente, a personagem Maria Raimunda é apresentada como uma figura de autoridade, que desafia os papéis tradicionais de gênero, assumindo a liderança em uma luta pela justiça e pela posse da terra. No trecho a seguir, temos mais informações acerca das características e da personalidade da protagonista do conto em foco:

é assim que Maria Raimunda gosta de ser, dura feito pau de sucupira: quando lhe pedem favor, fecha a cara e diz que não é madrinha de ninguém, que só vai fazer o favor para o outro desaparecer de sua frente; quando dá alguma coisa não é como quem dá: sacode de mau jeito o prato ou o agrado que seja para cima do outro, como coisa que não presta. Não tem dó nem de filho e marido: se Antônio Pedro chega em casa meio tocado de cachaça, ela nega a janta, passa o ferrolho na porta e larga o pobre a noite inteira no terreiro “que sereno e jejum é que é bom para bebedeira”. Dizem que os filhos têm as orelhas grandes é de tanto puxão que levam. Contam que quando Antônio Pedro pediu para se casar com ela, a resposta veio chispando: “É o jeito... Que mulher nasceu mesmo para sofrer” (Rezende, 2015, p. 37-38).

A personalidade de Maria Raimunda foi forjada em um contexto no qual lhe foi imposto uma postura firme, rígida e ‘antissentimental’, postura representada também pelo modo como lida com seu marido e filhos, ou seja, mesmo no âmbito familiar ela precisa manter essa imagem poderosa e brava, caso contrário dificilmente será



respeitada por sua família e/ou por moradores de Farinhada. A personagem em foco confronta a visão tradicional quanto aos papéis de gênero, que limita a atuação feminina a funções consideradas menos arriscadas e que exigem pouca agressividade, além de enfatizar um caráter emocional em detrimento da racionalidade (Vieira *et al.*, 2019). No Brasil, a construção histórica da questão de gênero está intimamente ligada ao passado colonial, no qual os papéis de homens e mulheres foram rigidamente divididos; enquanto aos homens cabia a tomada de decisões formais, às mulheres era atribuída a administração do lar (Samara, 2002).

Na sequência do trecho citado acima, a matriarca afirma que “não se importa nem um pouco que lhe digam mulher-macho, que isso lhe dá mais autoridade” (Rezende, 2015, p. 38). Aqui há uma clara relação com o estereótipo criado em torno da performatividade da mulher sertaneja, o da “mulher-macho”, o que aponta para o fato de que, para ter mais respeito perante os outros, a mulher precisa destituir-se de sua feminilidade e assumir características e performatividades associadas historicamente ao gênero masculino, o que permite a afirmação de que “a utilização de termos específicos de estigma como ‘mulher macho’, é uma fonte de metáfora e representação” (Lira, 2018, p. 78).

A canção "Paraíba", composta por Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga, e lançada por pelo último em 1950, popularizou essa expressão. Embora muitos intelectuais defendam que há um equívoco na interpretação dos versos “Hoje eu mando um abraço/ Pra ti, pequenina,/ Paraíba masculina,/ Mulher-macho, sim senhor!”, apontando para o fato de que “mulher-macho” é, na verdade, apostrofo do substantivo Paraíba, a música ajudou na construção do estereótipo aqui tratado. Dessa forma, mesmo com a explicação gramatical, a representação cultural engendrada pela música vai além da simples análise sintática, adentrando nas questões e dinâmicas de gênero dessa região, ou seja, não é “invenção do feminismo”, como afirmam alguns sujeitos do gênero masculino ao analisarem essa polêmica.

Essa construção reforça a ideia de que, no imaginário social, a autoridade e a liderança ainda são majoritariamente vistas como atributos masculinos. Ao se autodenominar “mulher-macho”, a personagem não apenas reivindica seu espaço de poder, mas também evidencia as limitações impostas às mulheres que desejam ocupar posições de destaque em uma sociedade patriarcal. Assim, a identidade feminina



também foi moldada em oposição à identidade masculina e, influenciada pelas condições regionais, acabou sendo associada a características tradicionalmente masculinas. Dessa forma, segundo Albuquerque Júnior (2021), para enfrentar os desafios do meio em que vivia, a mulher precisou adotar traços considerados próprios dos homens, tornando-se, simbolicamente, “macho” para garantir sua sobrevivência.

Esse processo de masculinização simbólica para a obtenção de respeito demonstra como a cultura sertaneja, apesar de reconhecer a força feminina, ainda submete as mulheres a um modelo de autoridade baseado em padrões masculinos. Dessa forma, o conto não apenas representa a figura da mulher forte, mas também problematiza os caminhos que ela precisa percorrer para ser reconhecida como tal.

Nessa perspectiva, os estereótipos de gênero estão atrelados às estruturas sociais, culturais e históricas que moldam a sociedade. No que se refere à mulher, esses estereótipos ainda carregam traços de concepções antigas que se perpetuam até os dias atuais, reforçando a ideia de que há um papel previamente determinado para o feminino (Silva *et al.*, 2017). Esse papel se baseia na expectativa de que as mulheres estejam restritas ao ambiente doméstico e às responsabilidades ligadas à manutenção da família, sendo essas atividades tradicionalmente vistas como naturais ao seu gênero (Marrugo-Salas, 2016).

No desenrolar da trama, a relação de Maria Raimunda com os homens ao seu redor, como seu marido, Antônio Pedro, e outros membros da comunidade, ilustra as dinâmicas de poder presentes na sociedade sertaneja. A decisão de Maria Raimunda de liderar a resistência contra a opressão de Assis Tenório destaca sua autonomia e capacidade de ação em um mundo que muitas vezes tenta silenciar as vozes femininas. Sua luta não é apenas pela terra, mas também pela dignidade e pelo reconhecimento do papel das mulheres na sociedade.

Em *A Guerra de Maria Raimunda*, a protagonista emerge como um símbolo de resistência em um contexto machista que exige das mulheres um desvio das características tradicionalmente femininas para serem respeitadas. Essa transformação é notável, pois Maria Raimunda não se submete ao estereótipo da mulher subserviente, mas, sim, assume um papel de liderança que contrasta com as normas de gênero estabelecidas.

Por meio da performatividade, conceito desenvolvido pela filósofa Judith Butler



(2015), podemos compreender como essa personagem desafia e reconfigura os papéis de gênero. Judith Butler, em seu livro *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade* (2015), argumenta que o gênero não é uma essência, mas uma performance que é repetida e reforçada ao longo do tempo. No conto em análise, a personagem encarna uma nova forma de performatividade que se distancia das expectativas tradicionais, ou seja, para que Maria Raimunda seja respeitada e ouvida, ela precisa adotar características consideradas masculinas, como a firmeza e a assertividade, que a distinguem em um ambiente opressor onde as mulheres são frequentemente silenciadas.

Essa transição revela como as normas de gênero são construídas socialmente e como as mulheres podem desafiá-las. Maria Raimunda aprende que, para ser respeitada, é necessário ser "dura feito pau de sucupira", o que implica uma renúncia à suavidade associada ao feminino. Sua bravura, portanto, não é apenas uma questão de força; é uma estratégia de sobrevivência em um mundo que privilegia a masculinidade. Assim, ao se tornar a líder da resistência, Maria Raimunda não apenas subverte o estereótipo da mulher sertaneja, mas também reconfigura o que significa ser mulher em um contexto dominado por homens.

Nesse sentido, o uso da voz como forma de protesto é um exemplo claro da performatividade feminina que desafia as normas estabelecidas. Ao convocar outras mulheres para a cantoria, Maria Raimunda atua dentro de uma esfera que é tanto pública quanto privada, quebrando a expectativa de que as mulheres devem se manter em silêncio. Este ato de resistência coletiva não só amplifica suas vozes, mas também transforma o espaço social onde a luta ocorre, mostrando que as mulheres podem ocupar papéis de liderança sem perder sua essência. Como afirma Pelbart (2011, p. 23), "produzir o novo é inventar novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação". Isto significa que novas demandas requerem novas formas de performatividade de gênero, o que ocasiona novas formas de cooperação e colaboração entre membros de um determinado grupo social.

A obra sugere que a luta por justiça e dignidade está intrinsicamente ligada à capacidade das mulheres de se afastarem das expectativas tradicionais. No entanto, essa necessidade de performar características masculinas levanta questões sobre a própria identidade feminina. Ao encarnar essas características, as mulheres podem ser



vistas como "menos femininas", questionando assim a própria definição do que significa ser mulher em uma sociedade patriarcal. Essa tensão é uma parte central da análise de Butler, que nos leva a refletir sobre a fragilidade das normas de gênero.

O impacto da resistência de Maria Raimunda no conto reflete uma nova consciência sobre o papel das mulheres na sociedade. Sua liderança não é apenas um ato de bravura, mas um modelo de como as mulheres podem se reimaginar em suas comunidades. No entanto, essa nova identidade vem acompanhada do preço da performatividade: a necessidade de abandonar ou modificar as características associadas à feminilidade tradicional. Assim, a narrativa de Rezende se torna um espaço de reflexão sobre as limitações impostas pelo patriarcado e o que isso significa para a identidade feminina.

Embora a performatividade de Maria Raimunda desafie as normas de gênero, também evidencia as barreiras que as mulheres enfrentam ao buscarem seu lugar na sociedade. A resistência que ela lidera não se limita a uma luta por terras, mas representa uma batalha mais ampla pela afirmação da identidade feminina. Esse conflito intrínseco entre a necessidade de performar características masculinas e a busca por uma identidade feminina autêntica é um tema recorrente na literatura. Nesse sentido, Maria Raimunda acaba assumindo como referencial a personificação social masculina, como se a revogação das diferenças naturais possibilitasse a igualdade de direitos (Praun, 2011).

Portanto, a obra de Rezende nos convida a reconsiderar as narrativas tradicionais sobre gênero e resistência. Ao fazer isso, ela abre espaço para discussões sobre como as mulheres podem (e devem) desafiar as normas de gênero, sem que para isso precisem renunciar à sua feminilidade. A análise de *A Guerra de Maria Raimunda* à luz da performatividade de Judith Butler (2015) permite que repensemos as relações de poder entre os gêneros e a possibilidade de uma nova representação feminina que valorize tanto a força quanto a suavidade, desafiando assim as limitações impostas pelo patriarcado.

O movimento que ela inicia, convocando outras mulheres para a cantoria em protesto, é uma representação poderosa da união feminina e da sororidade. Ao cantar em uníssono, elas não apenas desafiam a autoridade dos homens, mas também expressam sua força coletiva e sua determinação. Essa cena evoca as imagens das

mulheres sertanejas em obras do Romance de 30, onde a luta pela sobrevivência e a resistência diante das adversidades são temas centrais.

Além disso, o conto traz à tona a intersecção entre a religiosidade e a luta social. O papel do padre Franz e a presença de elementos religiosos na narrativa sublinham como a fé e a espiritualidade podem servir como força motivadora para a resistência. Isso ressoa com a tradição da literatura nordestina, onde a religião frequentemente atua como um suporte moral nas lutas sociais. Embora a religião tenha sido por muitos séculos e ainda hoje sirva como uma ferramenta para a submissão feminina, há situações nas quais ela pode ser uma aliada. Sendo assim, “o equilíbrio é encontrado através dos ajustes e a tradição não se perde se tiver a flexibilidade de se adaptar às novas situações, sem perder sua essência que é a fé” (Gouvêa Neto *et al.*, 2021, p. 550).

Essas práticas religiosas, compreendidas, aqui, como formas de cooperação, funcionam como espaços simbólicos de resistência à dominação masculina. Ao se reunirem em torno de devoções comuns, essas mulheres constroem redes de apoio mútuo que lhes permitem compartilhar vivências, fortalecer vínculos e encontrar meios de enfrentar as imposições sociais. Nesse sentido, a religiosidade torna-se uma estratégia cultural de luta, na qual o sagrado é reinterpretado como caminho de empoderamento. A fé, portanto, não as distancia das realidades sociais, mas as aproxima umas das outras e reforça sua atuação frente às estruturas patriarcais, convertendo a espiritualidade em força cooperativa e subversiva.

4 CONCLUSÃO

Maria Raimunda é uma figura que representa não apenas a mulher sertaneja, mas também uma nova identidade feminina que desafia os estereótipos. Ela não se conforma com as expectativas sociais que a limitam a um papel submisso, mas se ergue como uma líder. O uso de sua voz e de sua coragem para mobilizar outras mulheres reflete uma nova consciência de gênero, que se distorce da narrativa tradicional e busca a transformação social.

Assim, *A Guerra de Maria Raimunda* não é apenas um conto sobre a luta por terra; é um relato sobre o empoderamento feminino e a resistência contra a opressão.



Ele ilustra como a literatura pode ser uma ferramenta poderosa para questionar e reconfigurar as narrativas de gênero, oferecendo novas perspectivas sobre as mulheres no sertão nordestino. Obras literárias como essa são frequentemente publicadas hoje em dia, muitas vezes como reação ao que aponta Bonnici (2007), ao enfatizar que, por meio das pesquisas em torno da crítica literária feminista, “constatou-se uma regra geral de que o patriarcalismo, permeando a crítica literária, tendia a anular ou marginalizar a escrita da mulher” (Bonnici, 2007, p. 38).

Enquanto personagens femininas do início do século XIX e até início do XX eram frequentemente idealizadas e relegadas a papéis de submissão, a narrativa de Maria Raimunda reflete uma mudança significativa. Através de sua força de vontade, ela se torna um símbolo de resistência, mostrando que as mulheres podem e devem ocupar espaços de liderança e combate às injustiças sociais. Essa mudança de representação é fundamental para entender a evolução dos papéis de gênero na literatura brasileira.

Na literatura brasileira, sobretudo nas narrativas que retratam o sertão, tais estereótipos são frequentemente reproduzidos. A figura da mulher sertaneja, por exemplo, é construída a partir de uma dualidade: ao mesmo tempo em que sua bravura e resistência são exaltadas, sua posição social continua sendo definida em relação ao homem e ao espaço doméstico. Dessa maneira, ainda que haja exemplos de personagens femininas que desafiam as normas impostas, a literatura muitas vezes explicita que a força da mulher está condicionada à necessidade de adaptação a um contexto historicamente dominado pelo masculino. Dessa forma, podemos corroborar com Scott, no sentido de que “as tensões se resolvem de formas historicamente específicas e necessitam ser analisadas nas suas incorporações políticas particulares e não como escolhas morais e éticas intemporais” (Scott, 2005, p. 14).

Por fim, a obra de Rezende se insere em um continuum da representação feminina na literatura brasileira, que abrange desde as idealizações do passado até as realidades contemporâneas. O conto desafia o leitor a refletir sobre a importância da voz feminina na luta por justiça e equidade, reafirmando que a história das mulheres no sertão é uma história de luta, coragem e transformação. Através de Maria Raimunda, Maria Valéria Rezende resgata a força das mulheres sertanejas, mostrando que elas são protagonistas de suas próprias histórias e que suas lutas são parte essencial da narrativa do Nordeste brasileiro. Essa perspectiva não apenas enriquece o regionalismo na



literatura, mas também contribui para um entendimento mais amplo das questões de gênero na sociedade.

5 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. De fogo morto: mudança social e crise dos padrões tradicionais de masculinidade no Nordeste do começo do século XX. *História Revista*, v. 10, n. 1, 2005.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez Editora, 2021.

BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá: Eduem, 2007.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. 8ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 14 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2013.

CHIAPPINI, Ligia. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. *Revista Estudos Históricos*, vol. 8, nº 15. Rio de Janeiro, p. 153-159, 1995.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte / Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

GOUVÊA NETO, A. L.; NEDER, A. B.; FRANCO, G. P. Mulheres e religião: do conservadorismo à resistência. *Revista Caminhos - Revista de Ciências da Religião*, Goiânia, Brasil, v. 19, n. 3, p. 539-561, 2021.

LIRA, Kalline Flávia Silva de. "Mulher macho, sim sinhô"? Refletindo as relações de gênero e as violências contra as mulheres do sertão de Pernambuco. *Revista Barbarói*, n. 52, Santa Cruz do Sul, p. 71-90, 2018.

MARRUGO-SALAS, Lina. El acceso de la mujer a cargos de toma de decisiones en las empresas colombianas que cotizan en bolsa. *Entramado*, v. 12, n. 1, p. 108-120, 2016.

PELBART, Peter Pál. A vida (em)comum. In: _____. *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2011, p. 17-51.

PRAUN, Andréa Gonçalves. Sexualidade, gênero e suas relações de poder. *Revista Húmus*, v. 1, n. 1, p. 55-65, 2011.

REGO, José Lins do. *Fogo morto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.



REZENDE, Maria Valéria. *Vasto mundo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

SAMARA, Eni de Mesquita. O Que Mudou na Família Brasileira? da Colônia à Atualidade. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 27-48, 2002.

SANTOS, Ana Maria Costa Oliveira; CHALHUB, Anderson. O papel da mulher sertaneja no contexto familiar: a Literatura de Cordel como fundamento. *Revista Pensando Famílias*, n. 16, p. 29-52. 2012.

SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. *Autoria feminina, memória e subjetividade: relações possíveis*. Antares: Letras e Humanidades, vol.6, nº11, jan-jun, p. 109-121, 2014.

SARMENTO, Elisângela Campos Damasceno; MOURA, Geraldo Jorge Barbosa de. Conceição em *O Quinze*: uma abordagem feminista e decolonial. *Revista Estudos Feministas*, v. 31, p. 1-12, 2023.

SCOTT, Joan. O enigma da igualdade. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-30, janeiro-abril de 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2005000100002>.

SILVA, Célia R.; CARVALHO, Paula; SILVA, Elisangela Leandro da. Liderança feminina: a imagem da mulher atual no mercado corporativo das organizações brasileiras. *Educação, Gestão e Sociedade*, v. 7, n. 25, p. 1-12, 2017.

VIEIRA, Adriane; MONTEIRO, Plínio Rafael R.; CARRIERI, Alexandre de Pádua; GUERRA, Vanessa de Almeida; BRANT, Luiz Carlos. Um estudo das relações entre gênero e âncoras de carreira. *Cadernos EBAPE.BR*, v. 17, n. 3, p.577-589, 2019.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Vozes, p. 7-72, 2014.